

PODER PARANÓICO

Uma contribuição de Alenka Zupančič

SLAVOJŽIŽEK

28 DE JUNHO



LER NO APP 



Bem-vindo ao deserto do real!

Abaixo, uma contribuição fascinante da filósofa eslovena Alenka Zupančič sobre poder e psicanálise. Como sempre, se você tiver os meios e valorizar os textos que enriquecem e incomodam, considere a possibilidade de se tornar um assinante pago.

(Fotografia: Jürgen Klauke Ästhetische Paranoia, 2006 C-print 180 x 240 cm; (70 7/8 x 94 1/2 pol.)

Em 2006/2007, uma exposição chamada "Paranoia" foi exibida no Freud Museum em Londres. Um de seus objetivos era refletir (principalmente por meio de obras de arte)

"o sentimento coletivo de consternação com a estupidez, o preconceito e a superstição gerados pela 'guerra ao terror' em um mundo pós-11 de setembro".^[1] Alguns dos principais mecanismos da paranoia que o texto que acompanha a exposição traz à tona, com base em várias citações de Freud, incluem a projeção, a ausência de verificação da realidade, a falta de controle da verdade, o bode expiatório e a inclinação à agressão.

A partir da ênfase inicial no "mundo pós-11 de setembro", também fica claro que a "paranoia" foi entendida aqui em seu amplo significado e contexto social, e não apenas como uma categoria clínica. Essa também é a abordagem que adotaremos neste ensaio. Observando o mundo cerca de duas décadas após a exposição, podemos certamente detectar algumas semelhanças na compreensão política e popular do que está acontecendo. Em ambos os casos, há o sentimento de que algo acabou para sempre, ou que o mundo nunca mais será o mesmo. O mundo como o conhecíamos está passando por mudanças drásticas. Nossos ambientes naturais e sociais estão passando por transformações drásticas, e profundas mudanças tectônicas estão ocorrendo neste exato momento. Essas mudanças se manifestam principalmente por meio de uma série de crises que continuam nos atingindo uma após a outra, induzindo um aumento da precariedade e da incerteza: crises econômicas, a crise da Covid, a guerra na Ucrânia, a crise do Oriente Médio (que eufemismo!), a crise induzida por Trump (visando a uma nova ordem doméstica e global) e muito mais. Em outro nível, há também a crise climática, acompanhada de eventos climáticos extremos cada vez mais frequentes em diferentes partes do mundo.

Várias características que surgem nesse contexto contemporâneo de crises também têm semelhanças com a época em que Freud teorizou sobre os aspectos sociais da paranoia - ou seja, o período entre as duas guerras mundiais, que levou ou coincidiu com a ascensão do fascismo. Hoje, o fascismo parece estar ressurgindo em uma nova forma - que não é simplesmente idêntica às suas encarnações anteriores, mas exige mais reflexão e análise.

Neste artigo, gostaria de contribuir com uma pequena parte dessa análise, examinando as novas formas emergentes de poder, a ascensão de novos líderes autoritários e seu relacionamento com o povo (especialmente seus apoiadores) sob a perspectiva de uma forma singular de paranoia que parece fazer parte dessa nova configuração do "fim dos tempos".

Antes de prosseguir, é necessário fazer a seguinte observação: os comentários a seguir não devem ser vistos como uma alternativa à análise socioeconômica ou geopolítica, nem como uma tentativa de sugerir que um mapeamento psicológico de nossas dificuldades sociais seja superior a outras abordagens. No entanto, *acredito* que essa análise pode nos ajudar a entender certos mecanismos que desempenham um papel fundamental na orquestração de antagonismos sociais, que são amplamente independentes da psicologia individual. Como grande parte dessa análise se concentrará no exemplo de Donald Trump e seu atual governo, também é importante enfatizar que não vejo ele ou sua personalidade como a raiz do problema. Muita coisa teve de acontecer para que alguém como ele ganhasse a presidência - e pela segunda vez. Não devemos, de forma alguma, nos tornar vítimas de uma fantasia trumpiana invertida, cultivada por muitos democratas, e simplesmente acreditar que se Trump fosse removido, "os Estados Unidos seriam grandes novamente". No entanto, sua personalidade particular foi capaz de dar forma concreta a antagonismos preexistentes e conduzi-los em uma determinada direção. Mesmo que o problema seja "sistêmico", sua aparência concreta é sempre determinada por alguma contingência.

O que "de fato" aconteceu conosco?

Circunstâncias econômicas terríveis, guerras, incerteza e instabilidade social e outras formas de crise: podemos de fato observar que essas são precisamente as condições em que a paranoia social se desenvolve. Mas será que isso é suficiente para propor uma relação causal direta entre os dois e, assim, explicar as formas sociais crescentes de paranoia apontando para as dificuldades, crises reais, ameaças e traumas aos quais muitas pessoas estão expostas? Acredito que isso seria um erro grave. Embora as condições reais e empíricas de dificuldades e insegurança certamente desempenhem um papel importante, a causalidade é mais complexa. Isso já fica evidente se considerarmos o fato de que não há correlação direta entre o grau de dificuldades reais que uma pessoa experimenta e a tendência, por exemplo, de acreditar em teorias da conspiração - uma das formas sociais predominantes adotadas pela paranoia contemporânea. Os defensores mais fervorosos das teorias da conspiração raramente são os mais carentes.

O elemento-chave da causalidade ocorre no nível em que a dificuldade ou crise empírica é enquadrada narrativamente. Com isso, não me refiro simplesmente às explicações (e eventuais bodes expiatórios) oferecidas para esclarecer *por que* estamos

onde estamos - isso já é secundário. O que está em jogo é algo mais fundamental (mas que constitui um curto-circuito entre o mais íntimo ou particular e o social): a saber, a caracterização de "*onde* estamos" (ou seja, o que exatamente aconteceu conosco, ou está acontecendo conosco), em vez de por que chegamos lá (o que, novamente, pertence a outro nível que certamente também existe).

Em outras palavras, o que está em jogo é uma narrativa da mágoa - do status de nossas "feridas" - que abre um novo *playground* ou "plataforma" na qual nossa mágoa existe socialmente (mesmo que não a vivenciemos diretamente), em relação aos outros, como uma força de união e divisão, e como base para possíveis "explicações" e receitas de recuperação.

Se observarmos como os problemas atuais que afetam um número cada vez maior de pessoas no Ocidente estão sendo enquadrados pela direita populista - mais proeminentemente nos EUA -, o que veremos? Que eles estão sendo enquadrados por meio do tropo e da retórica abrangentes da "castração". Talvez uma palavra mais adequada fosse "emasculação", já que isso é expresso principalmente em termos de perda imediata e quase física de poder, potência, vitalidade e prazer. Por exemplo, podemos detectar isso na maneira como a extrema direita se apropriou da noção de "liberdade de expressão" - não como um direito civil para proteger vozes críticas, mas simplesmente como um *direito de desfrutar*: nesse discurso, a "perda da liberdade de expressão" se refere à incapacidade de insultar os outros livremente e de dizer o que quer que se sinta vontade de dizer. As exigências de uma linguagem educada e atenciosa, bem como as proibições relativas aos símbolos e à retórica associados ao nazismo e ao fascismo, são cada vez mais apresentadas como impedimentos à liberdade entendida como a liberdade de desfrutar - e, nesse sentido, como "castradora". Outra característica desse enquadramento peculiar dos males sociais como "castração" é a invocação da humilhação e do medo de ser humilhado: "Todos estão rindo de nós", "Ninguém nos leva a sério", etc.

Esse enquadramento narrativo específico, entretanto, não é simplesmente um enquadramento possível entre outros, mas um enquadramento singular. Poderíamos descrevê-lo como um enquadramento de "crise" que tem um poder peculiar de bloquear a possibilidade de lidar com a crise em um nível simbólico. No contexto da clínica lacaniana, a paranoia é entendida como uma estrutura erguida em torno de uma inacessibilidade (ou fechamento) de algum significante-chave. Entretanto, se

falarmos sobre a paranoia como um fenômeno social e político, é importante ter em mente que geralmente não estamos lidando com uma situação em que, devido a algumas circunstâncias contingentes, porém objetivas, um significante-chave fica fora de alcance e dá origem a uma estrutura paranoica. Em vez disso, estamos lidando com uma inacessibilidade do significante que está sendo *produzido* em nível social - e produzido de forma bastante intencional - mesmo que aqueles que o produzem não compreendam totalmente os mecanismos por trás dele. Mas eles sabem como aplicá-los, e sabem disso porque a estrutura da paranoia não lhes é estranha.

Estamos lidando, portanto, com um movimento interpretativo que bloqueia, em algum ponto crucial, o registro simbólico: o enquadramento de uma crise em termos que evocam a "castração" contribui muito para afastar seu significante, tornando-o inacessível. A narrativa da "castração" não induz simplesmente ao medo ou à ansiedade de castração - ela também consegue banir o próprio significante que poderia ajudar as pessoas a processar essa ansiedade dentro do registro simbólico, ou seja, ajudá-las a transpô-la do registro da impotência (física) para o da impossibilidade (simbólica) ou "castração simbólica". A castração permanece operante apenas no resistor do imaginário e do real. Se você continuar dizendo às pessoas que elas estão sendo "castradas", é óbvio que isso não é muito fortalecedor para elas. A mensagem, em vez disso, é: Você está (tornado) impotente, e eu - o líder populista - sou o único em quem você pode confiar para eventualmente restaurar algum poder para você. Em outras palavras, não se trata apenas de induzir o medo, a ansiedade e a insegurança nas pessoas, mas também - e acima de tudo - de cortar essas experiências do registro simbólico, apresentando-as como reais, o que, pelo menos por enquanto, deixa as pessoas com raiva, indignadas e, ao mesmo tempo, *impotentes*.

O grito de guerra é assim: Estamos sendo castrados e não podemos permitir isso - eu, seu líder, não permitirei isso! Conforme sugerido, isso é particularmente evidente nos EUA e na retórica cotidiana de sua política. Todos são acusados de "roubar" os Estados Unidos, "roubá-los", "tirar vantagem deles"; diz-se que o país está sendo invadido por "estupradores e criminosos"; as pessoas LGBTQ estão "vindo atrás de nossos filhos" e querem "castrá-los quimicamente". As pessoas que criticam Trump são rotuladas como vítimas da TDS, "Trump Derangement Syndrome" (supostamente fazendo com que as pessoas percam a racionalidade quando se trata de Trump), que é uma das maneiras pelas quais as pressuposições paranoicas da extrema direita são projetadas na oposição.^[2] E como TDS também é o acrônimo de "Síndrome de Deficiência de

Testosterona", essa denominação desempenha uma função dupla: acusar o outro lado de paranoia e, ao mesmo tempo, sugerir sua "emasculação".

Economia, fronteira, política externa e assuntos domésticos - todos eles se tornam altamente *sexualizados* nessa visão de mundo, e essa sexualização gira principalmente em torno da oposição grosseira Poderoso/Fraco, invocando e confiando em fantasias de "castração".

É importante ressaltar que não estou tentando fazer uma leitura psicanalítica mais profunda dessa retórica, apontando para algum medo ou ameaça subjacente de castração. Pelo contrário, a retórica é bastante explícita: os próprios novos líderes autoritários são os que gritam "Castração!" e usam esse tropo ou "ameaça" para mobilizar as pessoas. Na verdade, eles agem como psicólogos amadores pressionando os botões certos da população. O fato de eles próprios serem sensíveis a alguns desses botões muda pouco em termos de seu uso instrumental.

A castração como uma doença contagiosa

Há outra característica peculiar em ação nessa "ameaça de castração" instrumentalizada: a ameaça imediata não é apresentada como proveniente de alguma outra grande potência concorrente, mas sim daqueles que *já* são *vistos* como "castrados" e "fracos". É verdade que há também a sugestão de alguma outra agência de poder - como um "estado profundo" ou "Bruxelas" - orquestrando essa castração nos bastidores. Mas o ponto importante é que a arma dessa outra agência não é o poder ou a violência, mas a **disseminação da fraqueza**.

O fato de ser fraco ("emasculado") é visto como contagioso; ele corrompe imediatamente a natureza dos fortes e poderosos. É por isso que, por exemplo, uma simples menção em escolas e jardins de infância sobre a existência de pessoas gays e trans é considerada capaz de corromper imediatamente a *natureza* eterna e inata das crianças, transformando-as em pessoas gays ou trans, ou seja, em "pessoas emasculadas". Da mesma forma, os imigrantes são perseguidos exatamente quando já são mais vulneráveis, *por causa* de seu status precário, e não simplesmente como representantes de alguma outra potência alternativa. Sem dúvida, e de forma semelhante à referência ao "estado profundo", há também a ideia ou a fantasia de uma potência alternativa que ameaça enfraquecer e "nos substituir". Mas, novamente,

a maioria das lutas e batalhas imediatas é travada contra os fracos, e não contra os fortes.

O modelo aqui é bastante simples - e também nauseante: quando alguém estiver caído e vulnerável, continue chutando-o até que ele morra ou se arraste para longe. Caso contrário, isso pode afetar seriamente sua própria "virilidade". Essa é uma das razões por trás do efeito verdadeiramente nauseante do infame "confronto" no Salão Oval durante a visita de Zelensky em fevereiro. Algo semelhante pode ser dito sobre as infames gravações das deportações impiedosas de "imigrantes ilegais", distribuídas pelos canais oficiais. Se antes essas coisas eram escondidas dos olhos do público, agora elas são exibidas e alardeadas. O espetáculo da humilhação ativa e do espancamento dos "fracos" não só se tornou aceitável, mas é ativamente incentivado e serve a um propósito específico. Grande parte da retórica de Netanyahu e das ações sionistas genocidas segue a mesma lógica. O plano "Gaza Riviera" de Trump se apoia em uma base semelhante: Gaza está em ruínas, a devastação é total e o povo palestino já está derrotado - portanto, é melhor que eles reconheçam isso e se arrastem para longe de nossas vistas.

Por outro lado, os líderes autoritários se sentem bem na companhia uns dos outros, ou seja, na companhia de outros "homens poderosos". Há algo nessa lógica que sugere que o poder é tão contagioso quanto a fraqueza: ele passa para você. Se você estiver na companhia de pessoas poderosas, o poder se espalha em você. Se você está na companhia dos fracos, é a fraqueza ("emasculação") que passa para você. Essa atitude se alinha muito bem com a famosa declaração de Elon Musk sobre a empatia ser "*afraqueza* fundamental da civilização ocidental".

Deve-se enfatizar, no entanto, que o aspecto realmente prejudicial dessa posição não é simplesmente a aliança dos "poderosos" contra os "fracos", mas sim o fato de que essa retórica e imagens de poder ofuscam uma realidade muito diferente: esse "poder" é fundamentalmente um poder paranoico - um poder de paranoia.

Já era Freud^[3] que apontou que o medo de ser contaminado pelos fracos (ou "castrado por contaminação") - ou seja, a ideia de que a castração é contagiosa, algo que pode ser "prego" - é um traço fundamental da paranoia. E é fácil ver por quê: devido à ausência do corte significativo que separa o simbólico do real. Sem seu significativo, a castração não é mais a base da diferenciação simbólica e do poder

simbólico, mas funciona mais como um vírus. (Em algumas partes da sociedade, parece até que a negação do vírus da COVID e de seu poder está retornando aqui em uma forma deslocada - como um devastador "*vírus* da castração").

No entanto, a questão não é que esses líderes estejam demonstrando sinais claros de paranoia e, portanto, sejam na verdade "fracos" e assustados, que não sejam realmente tão poderosos e confiantes como fingem ser - como se essa exposição pudesse, de alguma forma, fazê-los perder seu poder prejudicial. Porque isso não acontece, e podemos observar isso praticamente todos os dias. Eles não "esvaziarão" se os expusermos como "de fato" fracos, porque essa fraqueza paranoica específica é precisamente o que os levou ao poder nas condições atuais - e o que os mantém lá. Em outras palavras: eles não entrarão em colapso se os expusermos, porque seu poder não é um poder simbólico - pelo menos não primordialmente. Isso não quer dizer que ele seja inofensivo ou incapaz de nos prejudicar - muito pelo contrário.

É um poder que existe apenas como força material *real* acumulada - poder militar ou policial, pressão direta e, é claro, riqueza (estamos falando de alguns dos indivíduos mais ricos do mundo). O outro lado disso é a suposição - correta e paranoica - de que a maioria das pessoas não os *respeita* de fato, ou não os respeita o suficiente. Mais uma vez, o infame confronto Trump-Zelensky no Salão Oval é um exemplo claro disso ("Você está sendo desrespeitoso!"). O velho ditado que diz que o respeito não pode ser comprado ou forçado é verdadeiro, mas no caso do poder paranoico, essa verdade só leva a maiores demonstrações de força, em busca do ponto de ruptura do outro.

Mladen Dolar formula de forma concisa as reflexões de Hannah Arendt sobre autoridade: a autoridade simbólica funciona essencialmente como uma *ameaça adiada*, uma força ou violência suspensa. Ela funciona como "autoridade" somente enquanto não precisar empregar diretamente a força. No momento em que isso acontece, "a autoridade perde sua autoridade". ^[4] Em relação à autoridade, o autoritarismo começa no extremo oposto: ele começa como uma autoridade já perdida (geralmente começa com a força e a realização de ameaças) e tenta voltar ao ponto impossível da coincidência da autoridade simbólica com a real. No autoritarismo, a autoridade é super-realizada; o autoritarismo tem tudo a ver com "realização" ("fazemos coisas, e com eficiência, não apenas falamos sobre elas"), mas, ao mesmo tempo, essa "realização" está tentando desesperadamente alcançar o ponto de eficiência simbólica (ou seja, a própria "eficiência da conversa"), que

permanece inacessível para ele. Essa inacessibilidade é a força motriz da "realização excedente" e da "eficiência".

A enxurrada de "ordens executivas" que estamos testemunhando atualmente não é apenas uma estratégia para subjugar a oposição - é também uma *necessidade* que impulsiona essa ordem autoritária específica, que opera por meio de uma combinação peculiar de paranoia e perversão. [5]

Ou deveríamos dizer que, na posição de poder simbólico, a paranoia se torna uma forma de perversão? A retórica de Netanyahu sobre "ameaças existenciais" que exigem bombardeios "preventivos" e assassinatos em massa de civis é outra expressão sombria dessa lógica distorcida da paranoia que se tornou perversa. Ou, na versão alemã duplamente distorcida: Merz afirmando que Israel está fazendo "trabalho sujo para todos nós".

Quanto mais apaixonadamente esse tipo de autoritarismo tenta alcançar o ponto de pura autoridade simbólica, mais violento ele se torna, mais força bruta ele emprega. De sua perspectiva, não é o significante que forja a realidade; em vez disso, a força é aplicada à realidade para que ela (finalmente) produza e cuspa seu significante. E esse é o ponto em que isso se torna perverso: a ideia paranoica de que os significantes estão escondidos no real encontra aqui a lógica perversa de *forçar a realidade a produzir o que lhe falta*.

Quando a mulher precisa existir

Isso é importante se quisermos entender a combinação peculiar, nessas ordens autoritárias, de "naturalismo" (biologismo, engenharia genética) e "simbolismo". A atual obsessão do governo Trump com o "sexo biológico" - que também acompanha a ascensão da extrema direita em muitos outros países - tem tudo a ver com isso, e muito pouco, se é que tem alguma coisa, a ver com um debate sério sobre sexo e gênero. Também não é de surpreender que o foco seja (novamente, como tantas vezes ao longo da história) nas mulheres.

Assim, definir o que é uma "mulher" - de forma cômica ou sinistra - tornou-se a prioridade número um do Estado. Uma das primeiras ordens executivas assinadas pelo presidente Trump depois que ele assumiu o cargo (em meio a grandes crises mundiais

e problemas sociais internos) foi intitulada *"Defendendo as mulheres do extremismo da ideologia de gênero e restaurando a verdade biológica no governo federal"*.

A maneira como ele cumpre esse objetivo é bem ilustrada no artigo:

"(b) 'Mulheres' ou 'mulher' e 'meninas' ou 'garota' significam fêmeas humanas adultas e juvenis, respectivamente."

É difícil não ver nessa definição piruetada a impossibilidade apontada por Lacan em sua famosa frase: "A mulher não existe". E é um fato que o imperativo de fazê-la existir em um nível de significação sempre desempenhou um papel na repressão mais brutal das mulheres. Historicamente, as mulheres têm sido reprimidas não pelo apagamento de sua identidade simbólica, mas pela atribuição de uma identidade - pelo fato de lhes ser dito o que elas são e o que isso significa.

Os sexos "feminino" e "masculino" não estão sujeitos à cultura e ao(s) significado(s) cultural(is) de seu sexo da mesma forma - não há simetria aqui. Quando se trata de "homens", a significação cultural dada da masculinidade *colore* seu ser desta ou daquela maneira; já quando se trata de mulheres, ela *cria* seu ser: o significado (cultural) é seu ser, imediatamente. Da perspectiva lacaniana, poderíamos dizer que "mulher" é uma construção cultural em um sentido ontológico muito mais forte do termo. As especificações e a determinação do que significa ser mulher tomam o lugar do significante inexistente, e espera-se que ele cumpra o papel do último: o conteúdo ou o significado tem de funcionar ele mesmo como um significante (do feminino), e é precisamente nesse ponto que a pior violência está sendo gerada.

Também podemos ver na ordem executiva como e por que o policiamento de "trans" e o policiamento de "mulheres" são essencialmente parte da mesma agenda. "Trans" funciona como o objeto excedente no qual a *falta* de um significante para o "outro sexo" aparece como algo positivo, algo visível e externo. A ideia subjacente é que, se você remover esse objeto excedente, as mulheres voltarão a ser "inteiras" - elas funcionarão como a contraparte significante adequada para os homens, e essa complementaridade restaurada resolverá a (não) relação sexual e social.

Em outras palavras, os "homens de verdade" trumpianos não têm medo da mulher como possível contraparte significante de sua própria masculinidade; eles têm medo das mulheres como o outro sexo com quem compartilham o *mesmo* significante -

apesar de suas diferentes sexualidades. Esse é o ponto lacaniano: a diferença sexual funciona através de uma "mesmidade" irreduzível - os sexos compartilham a mesma falta, representada pelo "significante fálico". O que esses "homens de verdade" rejeitam é exatamente esse significante fálico – o *falo como significante*- porque ele já pressupõe a "castração". Seu apego obsessivo a qualquer coisa fálica ou com formato fálico é um correlato direto disso. Isso só funciona para eles se *estiverem* cheios disso, ou se *isso* estiver cheio deles.

Paranoia, perversão e amor

A autoconfiança do "homem de verdade" não sugere o oposto da paranoia? Não, mas sugere sua fusão com a perversão, conforme sugerido acima. A estranha combinação de acreditar que se é "intocável" e, ao mesmo tempo, permanecer "paranoico" é a própria forma dessa fusão. "Homens de verdade" como Trump são "os mais poderosos", "os maiores", mas a dimensão simbólica desse poder ainda está faltando. O oposto dessa ausência é uma necessidade compulsiva de preencher a falta de poder simbólico com o real - com a exibição do poder "real". A autoconfiança megalomaniaca anda de mãos dadas com a obsessão de eliminar todos os vestígios que possam contestar esse poder, desafiá-lo ou submetê-lo à crítica. O que costumávamos chamar de "pensamento crítico" está sendo atingido por um tsunami desse lado oposto da megalomania confiante - que é a incapacidade paranoica de perceber argumentos críticos como algo que não seja uma ameaça direta e física à própria integridade. A "liberdade de expressão" como liberdade para desfrutar acaba como um triunfo da censura e da perseguição, e a luta contra a "cultura do cancelamento" como uma forma quintessencial de "cultura do cancelamento".

Portanto, sim, esses "homens de verdade" continuam "paranóicos", mas não são menos perigosos por causa disso. De fato, isso os torna ainda mais prejudiciais. É por isso que, quando a zombaria - apontando sua "verdadeira fraqueza" - se torna nossa única resposta, a piada é sobre nós. Ainda mais porque, quando combinada com o poder do Estado, essa dinâmica se torna realmente explosiva.

Essa "realização" do poder simbólico - a tentativa de preencher o poder simbólico com força empírica - também ecoa a proposição de J. A. Miller de que, na paranoia, o *gozo* está localizado no próprio Outro (ou seja, no quadro simbólico, que normalmente é desprovido de *gozo*). Isso envolve localizar o *outro* no *Outro*, ou até mesmo substituir

o *Outro* pelo *outro*. [6] E isso, mais uma vez, ressalta a proximidade talvez inesperada entre autoritarismo e paranoia.

Isso também tem consequências importantes para o relacionamento entre esses líderes e seus seguidores, ou seja, a combinação aparentemente estranha de duas características que geralmente definem esses seguidores. Por um lado, eles cultivam uma *desconfiança total* em toda autoridade pública, instituições e ciência. Por outro lado, confiam *cegamente* no líder, mesmo quando suas declarações são obviamente contraditórias ou comprovadamente falsas - ele simplesmente não pode fazer nada de errado. Como essas duas coisas - essa desconfiança absoluta, muitas vezes "paranoica", e a confiança incondicional - se combinam?

Em seu texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921), Freud chama essa confiança cega de "amor". [7] o que de fato se aproxima mais do que simplesmente chamá-la de "confiança cega". Porque em um ponto crucial, essa confiança *não* é realmente cega – ela vê algo: a saber, o prazer. O amor está situado aqui em contraste com a confiança como sendo baseado no respeito. Em termos simples, o respeito pressupõe uma distância a ser mantida - uma distância que evacua as questões imediatas de prazer e desejo da relação com o Outro. O "amor", por outro lado, implica uma relação íntima e privilegiada com o Outro, que inclui o desejo e o gozo. No entanto, Lacan parece unir os dois quando, surpreendentemente, coloca a questão do conhecimento no centro do amor: "*Quem quer que eu assuma conhecer, eu amo.*" [8] ("Aquele a quem suponho conhecimento, eu amo.") O amor nunca é simplesmente imediato; ele envolve uma pressuposição de conhecimento por parte do Outro.

Isso pode nos ajudar a distinguir entre dois tipos de amor. Um é baseado no desejo - ou seja, na falta do Outro - e, conseqüentemente, na interrogação do enigma do Outro: "O que o Outro quer?" e "O que eu sou para o Outro?" O amor é uma resposta a essa pergunta - uma resposta em que o sujeito responde à falta do Outro com sua própria falta: dando ao Outro o que ele não tem. No amor, preenchemos a falta implícita no desejo do Outro com nossa própria falta ou desejo, e não com qualquer conteúdo positivo. Mais precisamente - e para reiterar o argumento de Lacan - é a *pressuposição do conhecimento* que constitui a forma positiva e concreta que "dar minha falta ao Outro" assume. Essa pressuposição, é claro, não se baseia em nenhuma

evidência empírica do conhecimento do Outro, mas depende do lugar que o Outro ocupa em relação a mim e aos outros.

Mas esse não é o único tipo de amor, e não é o tipo ao qual Freud se refere em seu ensaio sobre psicologia de massa, onde ele também o chama de "hipnótico". Sinto-me tentado a chamar essa outra forma de amor de "perversa", porque ela se baseia em um tipo perverso de sedução. O Outro aqui seduz ou fascina o sujeito não pelo desejo ou pela falta, mas pela plenitude. Não há troca (como a troca da minha falta pela falta do Outro) e, nesse sentido, o vínculo assim criado é de fato hipnótico: ele permanece externo e unilateral. O que distingue essa relação do respeito clássico pela autoridade social é o fato de que o último se baseia no fato de a autoridade ser esvaziada de prazer, enquanto o primeiro opera em nome do prazer. Essa também é a razão pela qual a autoridade perversa - ao contrário da autoridade clássica - não é vulnerável à exposição do prazer. Pelo contrário, essa exposição apenas a reforça.

A pressuposição de conhecimento aqui não é um símbolo vazio de confiança. O amor pelo líder começa com alguma experiência - possivelmente perdida - de prazer que ele evoca ou desperta em nós, e que então se torna associada ao conhecimento: conhecimento *sobre* prazer. Tomando Trump novamente como exemplo: o pressuposto do conhecimento, no caso dele, não é sobre percepção política ou sabedoria em governança. É simplesmente o seguinte: ele é rico, ele sabe como ficar rico - e "rico" aqui evoca prazer. Ele sabe como desfrutar e pode cuidar de *nosso* prazer. Ao mesmo tempo, a exposição do prazer ("Posso fazer e dizer o que quiser") funciona como uma fonte de fascinação - fascinação no sentido estrito, em que a pessoa não consegue desviar o olhar, sendo atraída e repelida ao mesmo tempo. O prazer é a atração.

Portanto, voltando à nossa pergunta sobre como entender a coexistência de total desconfiança em todas as autoridades públicas e confiança incondicional no líder, temos que entender que essa confiança "incondicional" não é, de fato, incondicional. Ela é condicionada pelo gozo excedente, que também é o nosso gozo, que circula no Outro - sob a presunção paranoica de que alguém (todo mundo!) está tentando roubá-lo. Nesse sentido preciso, o amor pelo líder nada mais é do que a forma positiva assumida pela desconfiança em todas as outras autoridades - eles são um único e mesmo mecanismo. Amar o líder é desconfiar de tudo e de todos os outros.

Esse, é claro, não é o tipo de amor que liberta ou capacita, "dá força"; ele só nos torna "fortes" no exercício interminável de expurgos - ou, como Lacan os chama em sua discussão sobre perversão e poder, *cruzadas*. Ele acrescenta este aviso profético: "Bizâncio nunca ressurgiu das cinzas das cruzadas. Devemos prestar atenção a esses jogos, pois eles podem ser jogados novamente, mesmo agora, em nome de outras cruzadas." [9]

De fato.

[1] <https://www.freud.org.uk/exhibitions/paranoia/>

[2] No entanto, isso não significa que nos últimos anos, e antes das eleições, o foco exclusivo dos democratas em Trump - em detrimento do desenvolvimento de uma política social sólida - não tenha sido uma realidade. Infelizmente, era. E esse foco estratégico exclusivo em Trump contribuiu significativamente para sua derrota eleitoral. Trump funcionou como um fetiche que permitiu que os democratas rejeitassem suas próprias deficiências quando se tratava de lidar com os problemas econômicos e sociais que um número cada vez maior de pessoas estava enfrentando. Um problema semelhante existe em muitos outros países, onde a esquerda parece incapaz de combater a ascensão de movimentos populares protofascistas por qualquer outro meio que não seja pedir aos eleitores que simplesmente votem *contra* este ou aquele líder populista.

[3] Em seu estudo da fobia (Sigmund Freud, *Análise da fobia de um menino de cinco anos, edição de estudo, Volume VIII: Krankengeschichten*, Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2000, pp. 1-122.), bem como da paranoia (S. Freud, *Psychoanalytical Remarks on an Autobiographically Described Case of Paranoia (Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente) (Dementia paranoides)*, Edição de estudo, Vol. VIII: *Histórias médicas*, Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2000, pp. 235-320).

[4] Mladen Dolar, *De onde vem a energia*, DPU, Ljubljana 2021, p. 29. É claro que isso não quer dizer que a autoridade simbólica seja simplesmente não violenta, mas que ela exerce um tipo diferente de violência (violência simbólica). Essa diferença, entretanto, leva a duas lógicas muito diferentes.

[5] Como sugerido por Marie Bendtsen na conferência internacional "Despertando Freud", realizada na Universidade de Copenhague em 17 e 18 de janeiro de 2025.

[6] Jacques-Alain Miller, "Paranoia, relação primária com o outro", *The Lacanian Review* 10, dezembro de 2020, p. 81, 85.

[7] Sigmund Freud, *Psicologia de Massa e Análise do Ego In: Edição de Estudo, Volume IX*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2000, p. 85-86.

[8] Jacques Lacan, *O Seminário. Livro XX. Novamente*, Seuli, Paris 1976, p. 64.

[9] Jacques Lacan, *O Seminário. Livro XVI. De um outro para outro*, Seuli, Paris 2006, p. 256.